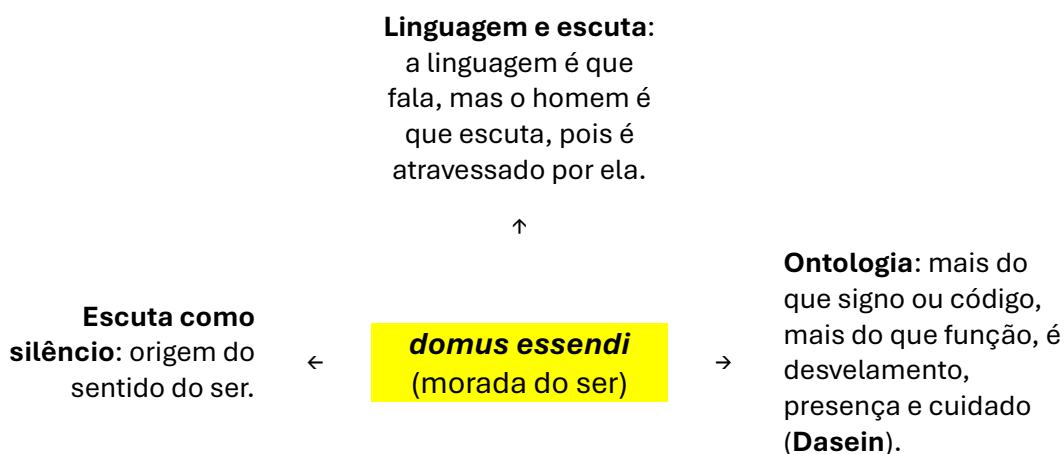


### Aula 3: Domus essendi



Por meio da linguagem, o ser humano não apenas se expressa, mas se constitui como sujeito. Nessa direção, Martin **Heidegger** compreende a linguagem como a morada do ser - o âmbito em que o ser se desvela e em que o homem é chamado à escuta, à presença e ao cuidado.

Não se trata de reduzi-la, portanto, a signos, códigos ou a simples instrumentos de comunicação, mas reconhecê-la como um acontecimento originário de sentido/significação. Como afirma o filósofo, “a linguagem fala” (HEIDEGGER, 2003, p. 13) e o homem a escuta.

De modo convergente, **Maturana** mostra que é na linguagem, a partir da convivência, que se forma o humano. Sua reflexão sobre “a origem do humano” na linguagem ajuda a compreender que mundo, experiência e relação emergem no entrelaçamento do viver junto e do conversar (MATURANA, 1998, p. 14) - ainda que o meio não transforme o observador/sujeito da linguagem. Assim, o mundo se torna cognoscível, porque se abre para as tramas das significações que somente a linguagem lhe confere.

Nesse sentido, a linguagem é também criação, expansão de mundos e condição de toda vida compartilhada. De acordo com **Aristóteles**, o **logos** distingue o ser humano, porque o torna capaz de discernir, deliberar e partilhar sentidos acerca do que é o justo e injusto, do bem e do mal, do certo e do errado.

Dessa forma, podemos entendê-la como inseparável da ética e da política. Quando Aristóteles afirma que o homem é, por natureza, um “animal político (social)” (ARISTÓTELES, 1985, p. 5), ele está indicando que a vida humana se realiza na pólis, coletivamente, no espaço da palavra, da deliberação e da vida

em comum. Mais do que um veículo de mensagens, a linguagem é a mola de constituição das identidades, assim como a ação na história em forma de pertencimento, tornando-se também impulso, epifania e catarse quando posta em ação e em contato com a cultura.

Como diz Derrida, “tudo é texto”, digo: “Tudo é linguagem”. Corpos são linguagem (olhos, mãos e percepções são linguagens). E no exercício linguageiro, o sujeito se inscreve no tempo ao relacionar-se com seus pares, assumindo a tarefa de ser o *ser-aí*, o ser da presença, aquele que zela pelo que o cerca e por quem o cerca, certo de sua finitude e fazendo da existência uma experiência que seja, ao mesmo tempo, ética, política, sensível e fenomenológica.

**OBSERVAÇÃO:** A aplicação filosófica se deu sob três poesias da autora e poetisa, Adélia Prado, que foram lidas em voz alta e analisadas. As cursistas, após sortearem pequenos papéis onde estavam escritos termos, tais como, imanente, observador, existência, âmagô, ontologia, automatismo, dentre outros, puderam escrever suas próprias poesias. Em seguida, sem comentários, todas leram as suas produções.

#### **Referências bibliográficas:**

ARISTÓTELES. **Política**. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília. DF: Editora Universidade de Brasília, 1985.

HEIDEGGER, Martin. A essência da linguagem. In: **A Caminho da Linguagem**. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

PRADO, Adélia. **O coração disparado**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2013 (recurso digital).

**Nota sobre as edições usadas:** As citações e respectivas paginações apresentadas neste texto seguem as edições indicadas nas referências bibliográficas. Eventuais variações de tradução, edição ou reimpressão podem alterar a paginação e, em alguns casos, a forma de apresentação dos trechos citados.